

CAPACITAÇÃO MILITAR PARA O EMPREGO NA NOVA GUERRA

REJANE PINTO COSTA – MAJOR DO EXÉRCITO BRASILEIRO

“A guerra entre o povo não é um paradigma melhor do que a guerra industrial entre Estados, é diferente - e compreender e aceitar a diferença deve ser uma parte central do nosso caminho futuro.” (SIR RUPPERT SMITH, 2008)

1 INTRODUÇÃO

A pós-modernidade militar trouxe, de acordo com Moskos *et all* (2000), novas ameaças e desafios para as Forças Armadas, principalmente após a Guerra Fria.

Nesse contexto emerge uma Revolução em Assuntos Militares (MOSKOS *et all*, 2000), a partir das mudanças tecnológicas e socioculturais que caracterizam o novo cenário operacional que as organizações militares enfrentam hoje. Assim, entre os principais elementos que caracterizam essa Revolução estão: o desenvolvimento e a utilização de novas tecnologias; a interação entre civis e militares; a mudança das missões de operação de combate convencional para missões humanitárias com baixa intensidade; as ações multilaterais sob a égide de organismos internacionais; e o internacionalismo.

Este estudo está centrado nas mudanças socioculturais, enfatizando o papel da capacitação dos militares, a fim de melhor beneficiarem-se do novo aparato tecnológico disponível. Destaque-se que se o impacto da tecnologia na tática, nas operações, na doutrina, no planejamento, no equipamento e no treinamento de militares depende de possibilidades financeiras, dos custos, do desenvolvimento e de aquisições, por outro lado, os impactos da tecnologia sobre essas questões são igualmente dependentes dos investimentos na capacitação militar, para desenvolver e utilizar as novas tecnologias nos ambientes militares pós-modernos.

Nos países desenvolvidos, os avanços tecnológicos são sustentados por sistemas de ensino que permitem a transferência de estudos e pesquisas, produtos, sistemas de informação e conhecimento, em desenvolvimento social, cultural, econômico e científico. Ao contrário, os países que não enfrentaram, ainda, os desafios impostos pela educação, continuam sob a ameaça e dependência tecnológica. China e Índia são exemplos de países que decidiram investir em educação e os resultados dessa decisão foram recentemente relatados pela Agência Central de Inteligência (2006), comprovando a relevância de tal investimento, tanto no meio acadêmico civil, como militar.

Uma alternativa possível para os países emergentes enfrentarem seus desafios educacionais e preencherem suas lacunas é promover parcerias com Instituições de Ensino Superior (IES), civis e militares. Iniciativas dessa natureza promovem o desenvolvimento de projetos e estimulam avanços socioculturais e tecnológicos que contribuem para atender os segmentos civis e militares da sociedade.

No Exército Brasileiro, essa iniciativa já foi implementada por meio de parcerias estabelecidas entre o Ministério da Defesa e o Ministério da Educação (BRASIL, 2005). Dessa forma, Instituições de Ensino Superior (IES), civil e militar, têm trabalhado no desenvolvimento de projetos acadêmicos que visam a interface entre esses atores, para discutir a defesa nacional e a segurança, no horizonte de busca de políticas públicas nessas áreas.

Para enfrentar esse desafio, foi criado recentemente o Instituto Meira Mattos (IMM), na Escola de Comando e Estado-Maior do Exército (ECEME). O IMM visa reunir acadêmicos civis e militares em curso de pós-graduação *stricto sensu* em Defesa Nacional. Essa atitude pretende fomentar a integração dos segmentos acadêmicos, civis e militares da sociedade brasileira, nos debates que giram em torno da Defesa Nacional e da Segurança.

Desde que essa parceria já foi implementada, é oportuno pensar em políticas curriculares e práticas educacionais que apoiem essa iniciativa. Nesse sentido, a abordagem do multiculturalismo (MCLAREN, 1997, 2000), em

ambientes educacionais militares, deve ser considerada para sustentar os soldados que operam em ambientes pós-modernos, em especial porque como o General James N. Mattis¹ assinalou "temos de superar a ideia de que a tecnologia vai mudar a guerra. [porque] A guerra é basicamente um empreendimento humano." (MATTIS *apud* BORUM, 2011, p. 1). Assim, o terreno humano e as suas implicações devem ser considerados na arena educacional militar, para proporcionar o desenvolvimento e a melhor utilização dos meios técnicos e tecnológicos disponíveis e sua influência na tática, nas operações e na doutrina,

Políticas curriculares e práticas didático-pedagógicas, da mesma forma que a tecnologia, dependem dos contextos culturais e políticos, em especial em ambientes militares, onde as decisões têm influência direta sobre o desenvolvimento das operações militares.. Dessa forma, convencer os comandantes e o alto escalão acerca da necessidade de implementar mudanças socioculturais, na capacitação militar, é um desafio para a organização, não só no Brasil, mas também no exterior, como apontou um oficial do exército holandês em entrevista realizada.

Nem sempre tem sido fácil convencer os militares (do general ao soldado) da necessidade de incluir treinamento cultural no currículo militar. Mas depois das várias operações militares no exterior (a partir de 1992: Bósnia, Kosovo, Camboja, Etiópia-Eritreia, Iraque e Afeganistão) a mensagem agora é bem compreendida. (militar do exército holandês)

Ancorada pelo multiculturalismo (MCLAREN, 1997, 2000) e pelos *peace studies* (GALTUNG, 1990), o presente estudo emergiu de minha tese de doutorado (COSTA, 2009), orientada pelos parâmetros da pesquisa qualitativa segundo Denzin & Lincoln (2000). Assim, esse trabalho fundamentou-se em estudo de caso desenvolvido no Centro de Instrução de Operações de Paz (CI Op Paz), o qual recentemente evoluiu para Centro Conjunto de Operações de Paz do Brasil (CCOPAB)², provando que a natureza multidimensional e multicultural das missões, hoje, está traduzida na própria estrutura organizacional do Centro, que vem desenvolvendo suas atividades em conjunto com as outras forças armadas. Essa nova configuração aponta para a necessidade de perspectivas educacionais, também multiculturais, e que atendam às demandas desse novo ambiente.

Para realização do estudo foram realizadas análises discursivas de documentos e entrevistas realizadas com soldados que participaram de diferentes missões de paz e com os agentes responsáveis por sua capacitação no CCOPAB.

O estudo comprovou a necessidade de (re) pensar a extensão em que o Exército Brasileiro vem preparando seus recursos humanos para enfrentar os desafios socioculturais impostos por cenários pós-modernos (COSTA & CANEN, 2008), com foco nos militares preparados pelo CCOPAB, considerando-se, em especial, as tendências das operações modernas. (SMITH, 2008)

O trabalho buscou orientar os agentes, tomadores de decisão, no sentido de resolver a tensão e a oposição entre invenção e inovação na capacitação militar, apontando práticas educativas mais adequadas, para capacitar os soldados a enfrentar as imposições advindas da Revolução em Assuntos Militares, como as mudanças tecnológicas e socioculturais.

Na verdade, Lastro & Cassiolato (2003) destacaram que [...] mais grave do que não possuir acesso às novas tecnologias e a informações é não dispor de conhecimentos suficientes para fazer uso das mesmas. " (p.12). No entanto, o problema de pesquisa que investigamos é a validade do acesso ao conhecimento e às novas tecnologias, sem considerarmos que a

[...] dimensão humana de um conflito é extremamente importante, e

¹ P.h.D, General de Exército do Corpo de Fuzileiros Navais dos EUA, comandante das Forças Conjuntas dos EUA e do Comando Aliado Supremo da OTAN.

² Disponível em:
<<http://www.ccopab.eb.mil.br/index.php/en/cioppaz/centre-creation>>. Acesso em: 6 jul 2012.

[que] isso vai muito além do simples conhecimento da cultura do adversário. Nem mesmo um entendimento profundo da cultura e das dinâmicas sociais será suficiente para ganhar uma guerra (embora o **desconhecimento** desses aspectos possa ser suficiente para **perdê-la**). (BORUM, R., 2011, p. 37 grifos nossos)

Neste contexto, é preciso considerar, em especial, que a falta de acesso a novas informações e à tecnologia, em países emergentes, aumentaria as desigualdades existentes entre países desenvolvidos e países em desenvolvimento. Isso contribuiria, ainda mais, para separar esses países em termos de tecnologia e informação (AROCENA & SUTZ, 2003), principalmente hoje, quando as guerras instantâneas, cirúrgicas e segregada têm sido considerado um privilégio de nações tecnológica e economicamente dominantes (CASTELLS, 1999).

Dessa forma, é desejável que qualquer estratégia educacional que busque minimizar a exclusão social e promover uma educação (seja civil ou militar), inclusiva, proporcione oportunidades de aprender, selecionar e utilizar, de forma adequada, não apenas informações, mas tecnologias, bem como gere oportunidades de ampliar a percepção humana acerca da relevância das dimensões socioculturais na contemporaneidade.

As parcerias acadêmicas, já estabelecidas entre militares e civis, são um exemplo de uma alternativa possível para diminuir as lacunas educacionais em termos de tecnologia, avanços e transferência de conhecimentos, bem como em termos do desenvolvimento das competências multiculturais necessárias para transitar nesse novo cenário operacional.

2 MULTICULTURALISMO: ABORDAGEM TEÓRICA E METODOLÓGICA PARA A CAPACITAÇÃO MILITAR

Como já mencionado, nosso caminho metodológico foi direcionado por investigação qualitativa (DENZIN & LINCOLN, 2000), e contou com um estudo de caso baseado na análise dos discursos presentes em depoimentos e documentos norteadores de políticas curriculares e pedagógicas. Dessa forma, foram realizadas entrevistas com militares, que participaram em diferentes operações de paz, para conhecer suas percepções sobre a capacitação necessária para atuar em operações militares caracterizadas por contextos multidimensionais e multiculturais. Da mesma forma, foram ouvidos os responsáveis por sua capacitação, para conhecer os potenciais e limites, as intenções e motivações que conduzem às práticas educativas desenvolvidas no CCOPAB.

Essa estratégia de investigação é especialmente relevante para a pesquisa em ambientes educacionais, pois permite conhecer as perspectivas e vozes de diferentes atores. Por outro lado, a análise documental fornece informações que apresentam, no caso deste estudo, a extensão em que uma instituição da linha de ensino militar bélico do Exército Brasileiro capacita seus militares para as operações de paz, considerando as necessidades multiculturais. Essa análise foi realizada a fim de verificar até que ponto o currículo do referido Centro considerava (ou não) a abordagem multicultural em suas políticas curriculares e práticas didáticas e pedagógicas.

Essa preocupação é significativa, devido à constante interação desses soldados com pessoal civil e militar, de diferentes nacionalidades, culturas, valores e linguagens em missões militares. Como resultado, torna-se importante chamar a atenção para estratégias e políticas públicas adotadas para governar ou administrar os problemas de sociedades culturalmente plurais.

Neste caso, estratégias e políticas educacionais que visem capacitar os soldados para atuar em cenários essencialmente multiculturais e assolados por conflitos étnicos e religiosos, precisam ser cuidadosamente consideradas, principalmente tendo em vista as ameaças impostas às nações que não são tecnológica e economicamente dominante (CASTELLS, 1999), e a mudança na natureza da guerra que, hoje, é conduzida entre o povo, nas cidades, nas vilas, nas ruas e em suas próprias casas. (SMITH, 2008) .

Neste horizonte, este estudo foi fundamentado pela perspectiva do multiculturalismo crítico de McLaren (1997).- mais recentemente conhecido por multiculturalismo pós-colonial/revolucionário (2000), ou multiculturalismo emancipatório (SANTOS, 2001) - porque promove a reflexão sobre a

homogeneização cultural em políticas e práticas educacionais, buscando explorar atividades curriculares e avaliativas que desafiem o etnocentrismo e os preconceitos. Assim, o multiculturalismo, de forma sucinta, é entendido como as respostas das minorias à homogeneização cultural e aos confrontos e às tensões advindas da complexidade da dinâmica multicultural, entendendo, segundo Hall (2000), a distinção teórica entre os termos multicultural e o multiculturalismo.

[...] Multi-cultural é usado como adjetivo. Descreve as características sociais e os problemas de governança apresentados por qualquer sociedade na qual diferentes comunidades culturais convivem juntas e tentam construir uma vida em comum, mantendo algo de sua identidade 'original'. Por outro lado, "multiculturalismo" é um substantivo. Faz referência às estratégias e políticas adotadas para governar ou administrar problemas de diversidade e multiplicidade que afloram em sociedades multi-culturais. É normalmente utilizada no singular, significando as filosofia e doutrina distintas que ancoram as estratégias multi-culturais. "Multi-cultural", no entanto, é por definição plural.

(HALL, p. 209-210, tradução nossa)

Essa abordagem multicultural aqui adotada sustenta a interpretação de Castell (1999) sobre a globalização, quando o autor aponta que, ao invés de se desenvolverem esforços e resultados em relação à ciência e tecnologia, a globalização, ao contrário, desenvolveu uma concentração nacional dessas atividades, a qual foi compartilhada por países tecnologicamente avançados (CASTELL, *op cit*).

Nesse sentido, a educação desempenha papel preponderante, principalmente porque, como Castell (*op cit*) assinala, temos testemunhado os efeitos da globalização aumentando profundamente as diferenças socioculturais e econômicas entre países e regiões, ao invés de minimizá-las.

Lastros & Cassiolato (2003) corroboram a necessidade de se investir na capacitação, visando a sobrevivência e a competitividade das organizações, uma vez que identificam que com a tecnologia da informação, "[...] o conhecimento é o principal recurso e a inovação o principal processo "[...]" (p. 49). Assim, competências para aprender, incorporar e bem utilizar as novas tecnologias é tão relevante quanto desenvolvê-las.

Neste ponto, ressalto que no bojo da Revolução em Assuntos Militares merece papel de destaque a educação militar, para que as organizações militares não corram o risco da dependência de possibilidades financeiras e de custos de oportunidade de desenvolvimento e aquisições. Assim, a especialização militar para desenvolver e utilizar tecnologias deve ser estimulada, bem como políticas curriculares e práticas pedagógicas para enfrentar os desafios impostos pelos novos contextos operacionais precisam ser repensadas.

Neste horizonte, gerar oportunidades para que o militar desenvolva competências política e intelectual, e eu acrescentaria, multicultural, torna-se imperioso, por serem consideradas os principais desafios impostos à educação desde o final do século XX. (LIBÂNEO, 2001)

Alinhadas com esse contexto, as diretrizes gerais do Comandante do Exército Brasileiro para o período 2011-2014 (BRASIL, 2010, p 19), assinalam as competências a serem desenvolvidas pela organização, tais como: "[...] contextualizar o ensino, de modo a relacionar conhecimento e tecnologias às decisões e atuações em situações diversas [...] criar cursos para civis na ECEME [...] ampliar o intercâmbio com o meio acadêmico civil."

Com o lançamento dessas diretrizes em conjunto com a Política de Defesa Nacional (2005) e a Estratégia Nacional de Defesa (2008), palavras-chave tais como: integração do Exército Brasileiro com a nação, a interação com a comunidade acadêmica civil e a interoperabilidade entre as forças armadas têm sido discutidas no meio acadêmico militar, buscando caminhos possíveis para atender a essas necessidades.

Como resultado, o intercâmbio entre Institutos de Ensino Superiores, civis e militares, deve ser estimulado, visto que integra escolas militares e civis e promove as competências e habilidades que melhor equipem os militares para o século XXI.

Para comprovar essa necessidade serão apresentados, a seguir, alguns extratos do currículo do Centro Conjunto de Operações de Paz do Brasil e das

entrevistas realizadas com os militares diretamente envolvidos nas missões de paz

2.1 Centro Conjunto de Operações de Paz do Brasil (CCOPAB): percepções multiculturais apresentadas sobre o planejamento educacional

O Centro Conjunto de Operações de Paz do Brasil desenvolve cursos e estágios preparatórios para militar e civil. Neste artigo, o foco será nos estágios que preparam graduados e oficiais de estado-maior/observadores militares. Os primeiros, porque representam o grupo que está em contato direto com a população local, em contexto tenso e estressante, e que nos permite testemunhar as dificuldades culturais e oportunidades que surgiram nessas situações. Os outros foram escolhidos pela sua capacidade de mediar conflitos, bem como responder a eles de forma estratégica e não-violenta.

Embora esses grupos precisem de preparo específico para desenvolver competências para lidar com a complexa dinâmica das dimensões multidimensionais e multiculturais que caracterizam as missões de paz hoje, observa-se, na transcrição abaixo, que o planejamento educacional do referido Centro é essencialmente operacional, o que representa uma lacuna significativa para o desenvolvimento do terreno humano, numa perspectiva multicultural.

É operacional. Não só operacional, como eu te falei, o foco em termos operacionais ele era maior, em cima das operações de combate, calcado, porque a gente julgava que tem de preparar a tropa para a pior situação. E agora não, a gente continua lembrando sobre a situação que pode deteriorar de uma hora para a outra, o pessoal tem que ter essas ferramentas. (entrevista concedida pelo chefe da Seção de Doutrina do CCOPAB, em 10 mar. 2008)

Abaixo, apresento alguns trechos do programa de planejamento dos estágios que evidencia as preocupações multiculturais emergentes. Embora apresente fins operacionais específicos, sensibilidades culturalmente orientadas são apontadas, tais como:

Objetivos particulares de disciplinas da fase à distância:

[...] Reconhecer a importância das diferentes manifestações culturais nas operações de paz;

Compreender os diversos contextos culturais;

Desenvolver habilidades para trabalhar em ambientes multiculturais;

[...] Identificar o impacto que existe em seus respectivos papéis [homens e mulheres] para construção da paz;

Conhecer as atividades da Força de Paz que podem beneficiar homens e mulheres em transição da guerra para paz;

Investigar como homens e mulheres são afetados pelo conflito

Objetivos particulares de disciplinas da fase presencial:

Descrever como tratar situações internas tensas entre os membros da equipe no ambiente multicultural e multinacional;

Estar ciente das situações que podem acontecer quando indivíduos de diferentes ambientes culturais e políticos convivem por períodos longos;

Explicar os principais conceitos relacionados com o ambiente multicultural;

[...] Utilizar linguagem adequada às diversas situações; [...] (Programa de Estágio, 2007, não paginado)³

³ *RESSALTE-SE QUE O NOVO PROGRAMA DE ESTÁGIO ESTÁ EM FASE DE ATUALIZAÇÃO E, EM BREVE, SERÁ FRUTO DE REAVALIAÇÃO POR ESTA PESQUISADORA.*

Para desenvolver os estágios, o *Department of Peacekeeping Operations* (DPKO) fornece módulos padronizados, conhecidos por *Standard Generic Training Modules* (SGTM)⁴, a todos os Centros responsáveis por capacitar soldados para operações de paz. Neste artigo, vou focar apenas o planejamento do programa de estágio, entretanto, em trabalho anterior (COSTA & CANEN, 2008), analisei as intenções expressas nesses módulos didáticos, pela íntima ligação com meu tema de pesquisa, ressaltando que alguns dos tópicos curriculares presentes nesses módulos apresentam perspectivas multiculturais mais alinhadas a uma abordagem folclórica. Valorizando a diversidade, por um lado, mas silenciando as tensões e os conflitos culturais emergentes, assinaladas em posturas mais críticas e pós-coloniais, como apontam autores como McLaren (2000) e Hall (2003; 2004).

Como pode ser observado nos extratos do programa de estágio analisado, alguns objetivos apontam claramente para uma consciência multicultural, com ênfase na necessidade de compreender a diversidade cultural, a fim de atuar em contextos culturalmente divergentes (MCLAREN, 1997; HALL, 2003). No entanto, não parece incorporar explicitamente as discussões e os conceitos relacionados ao multiculturalismo e às tensões presentes em perspectivas mais críticas, que compreendem a identidade como uma construção híbrida - histórica, social e cultural - em contraste com uma essência ou um caráter intrínseco a ser revelado. (MCLAREN, 2000)

A partir dos extratos acima, parece claro que questões presentes nas instruções como a compreensão das diferentes culturas e línguas, bem como uma perspectiva de empatia para com "o outro" estão presentes, indicando sensibilidades multiculturais (CANEN & COSTA, 2007; CANEN & CANEN, 2005). Entretanto, só a partir de uma intenção multicultural, mais explícita e concreta, seria possível contribuir para um melhor entendimento e incorporação de tais instruções. Isso, sem dúvida, enriqueceria e fortaleceria a preparação dos atores militares para missões de paz, bem como para outros tipos de missões.

Pela ilustração acima, podemos inferir que o planejamento educacional dos estágios, no CCOPAB, apresenta potencial fértil para uma capacitação multicultural, entretanto, os extratos analisados parecem transmitir a ideia de que esse documento enfatiza, ainda, aspectos multiculturais mais folclóricos e abstratos, embora em alguns pontos, posturas preconceituosas e discriminatórias sejam mencionadas. Pelo menos, no nível das intenções, já aponta para a importância da dimensão cultural, imprescindível numa época marcada pela mudança na natureza e nas tendências da guerra. (SMITH, 2008)

2.2 Centro Conjunto de Operações de Paz do Brasil: potencial e limites multiculturais na perspectiva dos soldados

A importância da linguagem na construção discursiva para denunciar como diferenças são construídas e como discursos podem ser descolonizados (BHABHA, 1998; HALL, 2003) está estritamente ligada a uma atitude multicultural. Com isso em mente, foram analisados os discursos do planejamento educacional do CCOPAB e dos sujeitos diretamente envolvidos com esse instrumento político-pedagógico. Assim, ouvimos os depoimentos de militares brasileiros e estrangeiros que participaram de diferentes missões de paz, incluindo as seguintes: Missão das Nações Unidas para Estabilização no Haiti (MINUSTAH), compreendendo o período de 2004 a 2008, Missão de Verificação das Nações Unidas para Angola (UNAVEM III), 1995 a 1997 e Força de Proteção das Nações Unidas na Antiga Iugoslávia. Entrevistas realizadas com esses atores foram fundamentais para observarmos seus sentimentos, suas necessidades e os desafios enfrentados na missão. É importante ressaltar que os entrevistados incluíram desde soldados, que atuam no nível tático, até generais comandantes que atuam no nível político e estratégico. Por razões éticas da pesquisa, seus nomes foram omitidos nesta narrativa.

As respostas dos entrevistados serviram para ilustrar suas percepções sobre o planejamento didático-pedagógico no CCOPAB, apontando se os prepara para atuar em contextos culturais plurais.

4 ESTES MÓDULOS SÃO HOJE INTITULADOS *CORE PRE-DEPLOYMENT MODULE* (CPTM).
DISPONÍVEL EM:

<[HTTP://WWW.CCOPAB.EB.MIL.BR/INDEX.PHP/PT/ENSINO/CPTM-ONLINE?VIEW=DOCMAN](http://www.ccopab.eb.mil.br/index.php/pt/ensino/cptm-online?view=docman)>.
ACESSO EM: 6 JUL 2012.

Inicialmente, a maioria parecia acreditar no “jeitinho brasileiro” para compreender a diversidade cultural e para lidar com ela (COSTA & CANEN, 2008), independentemente da capacitação multicultural para a missão:

[...] o brasileiro sempre foi um pouco extrovertido, então sempre brinca, fala, conversa, o que não é característica de outros povos, [...] são povos mais sérios [...] a cultura é outra, são mais fechados etc. Isso acabou gerando facilidade prá uns, dificuldades prá outros.

[...] nossa capacidade de adaptação [do militar brasileiro] ela é muito grande, o pessoal se adapta [...].

[...] de tudo, essa questão de manter a segurança, é um aspecto positivo, só que é uma questão macro, envolve o Brasil como um todo [...] mas no micro, ali, o ACISO [ações cívico sociais], o contato com as pessoas, a conversa, o dia-a-dia, isso vai fazendo com que eles sintam que o Brasil é um país amigo, que está lá para ajudar. (militar da MINUSTAH)

Outros, no entanto, expressaram a necessidade de realizar um trabalho mais focado na dimensão cultural, durante a capacitação militar, independente da missão.

[...] eu acharia interessante se a gente já pudesse, desde já, **independente da missão de paz, trabalhar esses conceitos** [multiculturais], porque é uma realidade que você só vem trabalhar, quando vai para a missão. [...] **voce não tem muita...** [experiência], [...] Então eu acharia interessante se nós pudéssemos, desde já, assim como o idioma, ter algum tipo desse contato, intercâmbios, reuniões multiculturais, que aí seriam interessantes. Aí que eu estou querendo chegar, porque você já teria gente, já, digamos, vendo isso como uma coisa normal. (militar da MINUSTAH, grifos nossos)

Conforme os trechos acima, parece que apesar de terem desenvolvido suas próprias estratégias para lidar com as diferenças culturais, os militares entrevistados expressaram suas percepções acerca da relevância de estarem adequadamente preparados para operar em missões, nas quais estarão expostos à pluralidade cultural em suas rotinas diárias. Esses dados indicam a relevância da educação multicultural e de capacitação mais sistematizada, o que potencializaria a competência do militar brasileiro para lidar com a diferença, podendo, ainda, representar uma vantagem competitiva para os integrantes do Exército Brasileiro. Embora os entrevistados tenham assinalado algumas lacunas nos objetivos curriculares do CCOPAB, parece claro, que não foram enfatizadas nas práticas pedagógicas.

[...] [O exército deveria] desenvolver um programa, [...] reforçar essa concepção [de respeito e aceitação das diferenças] [...] [porque] nem todos têm essa vivência, por exemplo, o respeito com a outra cultura. A gente pode, também, de uma forma, aliar aquilo que a pessoa traz de bagagem cultural dela, com o **conhecimento**, vamos dizer, **científico**, mais **organizado**, mais **direcionado**. Se a gente **adequar esses dois fatores**, nós podemos **melhorar esse desempenho**, para que a pessoa faça não de uma forma inconsciente, mas de uma forma **consciente**. (militar da MINUSTAH, grifos nossos).

Outros depoimentos sobre as atividades educacionais corroboram a necessidade expressa acima:

É assim, faz desse jeito, a cultura é assim, é assado. O que tem é isso, mas não tem nenhum, digamos, exercício prático, de alguém de outra cultura que estivesse ali no momento, para criar algum programa. Isso não houve, o que houve foi uma instrução teórica ali de 50 minutos sobre essa questão [a questão cultural]. (militar da MINUSTAH)

[...] Você vai ter que ter um estudo mais completo, então vai ter que estudar a cultura do país, a cultura dos partidos, tem que conhecer profundamente a história do conflito, tem que conhecer todos os problemas regionais, então, essa parte cultural tem que ser conhecida. (militar da UNAVEM III)

Como observado, embora os soldados reconheçam a importância da capacitação recebida no CCOPAB, preferiam que o planejamento educacional enfatizasse mais a dimensão humana, de forma mais concreta e explícita. No entanto, parece que o CCOPAB já caminha nessa direção, pois como assinalado pelo coordenador do programa de estágio, em entrevista concedida no corrente ano:

[...] Se eu fosse incluir um assunto para quem tá indo para certo ambiente de missão, seria mais voltado para a questão cultural daquele país, que aí já facilita bastante [...] enfatizar a história cultural do país [...] uma instrução, um tempo de instrução, falando sobre os aspectos culturais daquele país e as dicas que podem ser seguidas por aqueles que estão lá em missão, [para que] consiga ter um aproveitamento maior no relacionamento e tendo um cuidado com questões culturais, igual já fazem alguns Centros fora do Brasil, focando na cultura. Particularizar a questão do *cultural awareness* [referindo-se especificamente a relação daqueles em missão com a população local]. Ministrando uma apresentação sobre os aspectos culturais do país. Tem a questão do trato com o restante do *staff* da missão. Isso aí é um esforço diário, porque você vai lidar com pessoas que não têm tanta consciência cultural e podem ter uma atitude contigo que não seja tão amistosa, por vezes. Às vezes, por falha daquela pessoa contigo, então você vai ter que ter jogo de cintura e respirar. Algumas coisas são realmente diferença no tratamento, que pode parecer grosseiro e é uma coisa normal na cultura daquela outra pessoa [...].(Coordenador do programa de estágio no CCOPAB)

O extrato acima aponta para uma prática curricular muito mais integrada com o ambiente multicultural da missão, de acordo com a intenção de muitos dos sentimentos anteriormente expressos pelos entrevistados, como aqueles relacionados com a necessidade de treinamento cultural para enfrentar situações diversificadas.

Como descrito na análise discursiva do documento e das entrevistas, parece que embora a preocupação com questões culturais e suas implicações nas operações de paz esteja presente no currículo do CCOPAB (sem dúvida, uma característica positiva do estudo de caso), isso ainda carece de reflexão mais sistematizada e acadêmica. O fato de que em minhas últimas visitas ao Centro evidenciei maior sensibilidade aos aspectos multiculturais é, sem dúvida, muito bem-vindo, embora a importância de se ter militares competentemente capacitados para atuar em cenários multiculturais ainda seja uma demanda e necessidade

Como ilustrado com os discursos analisados, o preparo para as operações de paz no CCOPAB vem, gradativamente, enfatizando a elaboração de currículos que privilegiem mais uma perspectiva multicultural. O que era, no início de minha pesquisa de doutorado, em 2005, incipiente, parece ter caminhado para uma maior conscientização da relevância do terreno humano na capacitação de militares.

Some-se a isso, no âmbito institucional do Exército Brasileiro, as parcerias acadêmicas já estabelecidas e consolidadas com Instituições de Ensino Superior (IES), o que contribui, ainda mais, para consolidar práticas educativas multiculturalmente comprometidas. Considero isso um passo decisivo, para promover uma educação transformadora, tanto no ensino militar, quanto civil.

3 CONCLUSÃO

O presente estudo focou as mudanças socioculturais necessárias em um Centro de capacitação de soldados para operações de paz, a fim de enfrentar as demandas que emergiram com a Revolução em Assuntos Militares (MOSKOS *et*

all, 2000). Dessa forma, aponta o papel do multiculturalismo em políticas curriculares e práticas pedagógicas que busquem melhor capacitar soldados para o emprego na nova guerra, na pós-modernidade. Neste ponto, ressalta a necessidade do investimento em educação, para o desenvolvimento e a transferência de novas tecnologias que visem minimizar o hiato tecnológico.

Com base nos dados coletados, verifiquei que é necessário oferecer oportunidades educacionais para os militares brasileiros confrontarem os desafios impostos pelo novo ambiente operacional. Uma alternativa possível é fomentar parcerias entre Instituições de Ensino Superior (IES), civis e militares, uma vez que isso promove o desenvolvimento de projetos e estimula esses dois atores, no sentido de implementar avanços socioculturais e tecnológicos, que servem tanto a civis, quanto a militares. Outra forma evidenciada, por meio das entrevistas realizadas, foi a necessidade de desenvolvimento de treinamento cultural sistematizado para o emprego de soldados em cenários essencialmente multidimensionais, multiculturais e assolados pela violência dos conflitos.

Nesse sentido, venho observando que uma *Revolução em Assuntos Educacionais* (grifo nosso) está em curso, muito embora a *Revolução em Assuntos Militares* não a tenha profundamente considerado em seu bojo. Entretanto, o Processo de Transformação do Exército Brasileiro (BRASIL, 2010) sinaliza para a emergência dessa necessidade, como sinalizam as diretrizes do Comandante do Exército Brasileiro para o período 2011-2014.

Assim, é oportuno e é intenção desta pesquisadora re-visitare o Centro Conjunto de Operações de Paz do Brasil (CCOPAB), para reavaliar até que ponto seu currículo, suas práticas educativas e a percepção dos soldados e atores diretamente envolvidos com sua capacitação, para a nova guerra, têm expandido suas fronteiras para uma perspectiva multicultural mais engajada com abordagens crítica e pós-colonial, alargando, ainda mais, o horizonte deste estudo, para além dos ambientes operacionais de manutenção da paz.

REFERÊNCIAS

BHABHA, H. K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

BORUM, R. **Seven pillars of small war power**. *Military Review*, XCI(4), 2011, p. 35-45.

BRASIL. Presidência da República. *POLÍTICA DE DEFESA NACIONAL*, 2005.

BRASIL. MINISTÉRIO DA DEFESA. DIRETRIZ GERAL DO COMANDANTE DO EXÉRCITO PARA O PERÍODO DE 2011-2014, 2010.

BRASIL. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoa de Nível Superior. **Instruções para Apresentação de Projetos do Programa de Apoio ao Ensino e à Pesquisa Científica e Tecnológica em Defesa Nacional**. Brasília, DF, 2005.

CANEN, A. & CANEN, A. G. *ORGANIZAÇÕES MULTICULTURAIS: LOGÍSTICA NA CORPORAÇÃO GLOBALIZADA*. Rio de Janeiro: Ciência Moderna, 2005.

COSTA, R. P. **Multiculturalismo e estudos para a paz**: articulação possível no preparo e no emprego de militares para missões de paz. Rio de Janeiro, 2009. Tese (Doutorado em Educação)-Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <<http://www.educacao.ufri.br/ppge/ppge-teses-2009.html>>. Acesso em: 18 jul 2012.

COSTA, R. P. & CANEN. Ana. Multiculturalism and peace studies: The case of education for peacekeeping forces in Brazil. **Journal of Stellar Peacemaking**, 2008. Disponível em: <<http://74.127.11.121/peacejournal/>>. Acesso em: 31 jan. 2012.

CANEN, A. & COSTA, R. P. *MULTICULTURAL EDUCATION AND PEACE STUDIES: THE NEED FOR A DIALOGUE IN TEACHER EDUCATION*, working document of the International Council on Education for Teaching: ICET's 52nd World Assembly & 7th Annual Border of Pedagogy, San Diego, California, USA, 2007.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**, v. 1, 6ª ed., São Paulo, Paz e Terra, 2006.

DENZIN, N. & LINCOLN, Y. **Handbook of Qualitative Research**. New York: Sage Publications, 2000.

GALTUNG, J. Cultural violence. **Journal of of Peace Research**, v. 27, n. 23, p. 291-305, 1990. Disponível em: <<http://jpr.sagepub.com/content/vol27/issue3/>>. Acesso em: 31 jun. 2012.

HALL, S. **A Identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. 9. ed. rev. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

HALL, S. *DA DIÁSPORA: IDENTIDADES E MEDIAÇÕES CULTURAIS*. In: Sovik (Ed.), Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

HALL, S. Conclusion: the Multi-Cultural Question. In **Un/Settled Multiculturalisms: Diasporas, Entanglements, Transruptions**, edited by Barnor Hesse. New York: St. Martin's Press, 2000.

LASTRES, H.M.M; CASSIOLATO, J.E. Novas políticas na Era do Conhecimento: o foco em arranjos produtivos e inovativos locais. In: **Revista Parcerias Estratégicas** - Centro de Gestão e Estudos Estratégicos. - n. 17 (setembro 2003). - Brasília : CGEE, 2003.

LIBÂNEO, J. C. **Adeus professor, adeus professora?: novas exigências educacionais e profissão docente**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

MCLAREN, P. **Multiculturalismo crítico**. São Paulo: Cortez, 1997.

MCLAREN, P. **Multiculturalismo revolucionário**. Porto Alegre: ArtMed, 2000.

MOSKOS, C. C., WILLIAMS, J. A., SEGAL, D. R. **The postmodern**

military: armed forces after the Cold War. Oxford: Oxford University Press, 2000.

REPORT OF THE CONCIL INTELLIGENCE AGENCY (CIA): **como será o mundo em 2020**, tradução de Cláudio Blanc e Marly Netto Peres, São Paulo, Ediouro, 2006.

SANTOS, B. S. Dilemas do nosso tempo: globalização, multiculturalismo e conhecimento. **Educação e Realidade**, Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, v. 26, n. 1, p. 13-32, 2001.

SMITH, R. **The utility of force: the art of war in the modern world**. New York: Vintage Books Edition.

SOBRE O ARTIGO E O AUTOR

O presente artigo foi apresentado no VI Encontro Nacional da Associação Brasileira de Estudos de Defesa (VI ENABED) realizado em 2012 na cidade de São Paulo.

Citação:

COSTA, R. P. Capacitação militar para o emprego na nova guerra. **Coleção Meira Mattos, revista das ciências militares**, nº 26, 2º quadrimestre 2012. Rio de Janeiro: ECEME, 2012.

Resumo:

As discussões em torno do novo cenário operacional estão revestidas de tensões que vêm desafiando os estudiosos sobre a nova guerra. Dessa forma, entender o contexto em que o emprego militar se aplica, especialmente para combater grupos étnico-culturais, religiosos ou tribais, é uma necessidade que se impõe na contemporaneidade.

A Revolução dos Assuntos Militares (RAM), no bojo do pós-modernismo militar, aponta que o apoio popular está entre as maiores estratégias que os insurgentes ou terroristas dispõem para manter suas posições. Nunca, conquistar corações e mentes, assim como entender a dinâmica que precisa mover os contrainsurgentes na direção de reverter o quadro em países assolados por conflitos, instabilidade e violência foi tão estudado e discutido por estudiosos dessa temática.

O presente estudo parte de uma pesquisa qualitativa e pretende abordar a capacitação e o emprego de militares do Exército Brasileiro, por meio da análise de suas falas, buscando, norteado pelo referencial teórico do multiculturalismo, entender os potenciais e as lacunas que precisam ser trabalhadas, assim como os desafios a serem superados.

Palavras-chaves: Pós-Modernidade Militar. Multiculturalismo. Capacitação militar.

Autor: REJANE PINTO COSTA – Major do Exército Brasileiro

É doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2009). Pesquisa a relevância do multiculturalismo e dos *peace studies* no preparo e no emprego de militares no cenário operacional contemporâneo. É membro do Grupo de Interesse Especial em Educação para a Paz do *American Educational Research Association* (AERA). Possui graduação em Letras (Português/Inglês e respectivas literaturas), pela Universidade Federal de Santa Catarina (1987) e mestrado em Educação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2001). É oficial do Exército Brasileiro, com experiência no ensino de língua inglesa numa perspectiva multicultural e nos impactos da educação multicultural e da educação para a paz em políticas e práticas educacionais civil e militar. No momento, atua na área de Defesa como professora e pesquisadora nos programas de pesquisa e pós-graduação do Instituto Meira Mattos, da Escola de Comando Estado-Maior do Exército.

LATTES: <http://lattes.cnpq.br/9255201137966158>

Contato:

Email: reipc@uol.com.br

Endereço para correspondência:

Praça General Tibúrcio, 125 Urca Rio de Janeiro RJ CEP: 22.290-270

Recebido para em outubro de 2012.

Aprovado para publicação em novembro de 2012.